

HERBERT MUNHOZ van ERVEN

JÚLIA WANDERLEY

UMA VIDA QUE IGUALOU
O SEU DESTINO.



Professora Da. Júlia Wanderley Petriche





HERBERT MUNHOZ van ERVEN

(Do Centro de Letras do Paraná, da Academia de Letras «José de Alencar», da Assoc. Brasileira de Escritores (Seção do Paraná) e da Associação Paranaense de Imprensa).

JÚLIA WANDERLEY

UMA VIDA QUE IGUALOU
O SEU DESTINO.

EDIÇÃO DO AUTOR

CURITIBA

1945

DR
L. E.
9 23.7
1 W 293
JUL

A cidade de

Ponta Grossa,

cognominada

«Capital cívica do Paraná»,

*berço da emérita educadora,
a minha homenagem.*

H. M. u. E.

Ao

Centro de Cultura "Júlia Wanderley"
de Curitiba, reverenciando a
memória dignificadora de
sua patrona admirável,

O. D. C.

O. Autor

"Certa precipitação foi o verdadeiro repouso da sua alma".

.....
*"Nunca desprezou seus semelhantes e, por conseguinte,
nunca desprezou as opiniões de seus semelhantes,
inclusive a admiração de seus semelhantes".*

G. K. CHESTERTON
(*"ST. FRANCIS OF ASSISI"*)

“Não ignorava a superioridade que tinha sobre aquêles que observava em redor”.

ANTONIO REDIER
(“SÃO VICENTE DE PAULO”).

“Se, perante as contrariedades profissionais, alguma vez, sentirdes (as professoras) o desânimo ameaçar-vos, encontrareis na História da Pedagogia, na biografia dos grandes educadores, o segredo de vencer. Nessa leitura retemperareis a vossa fé e obtereis alívio para as injustiças e os ressentimentos.

A todo o crente são precisos um santuário e uma bíblia: seja a Escola o santuário e a História da Pedagogia a vossa bíblia”.

ALBERTO RANGEL, FILHO

Escrever sôbre d^a. Júlia Wanderley é auscultar uma alma. Longe está, todavia, de moldar-se, por exemplo, na "História de uma alma escrita por ela mesma". Júlia Wanderley não tinha o misticismo de Terezinha, flôr humana do Carmelo de Lisieux, santa e poetisa. Possuía, ao contrário, a severidade mental de uma Sklodowska. Ela foi, estruturalmente, também uma forte alma. Fiscalizada, rigorosamente, por um accentuado critério científico.

Conhecem todos d^a. Júlia Wanderley como um expoente educacional no meio paranaense.

E' isso verdade.

Não é êsse, porém, o seu característico espiritual.

Há dificuldade em compreender totalmente qualquer alma. Torna-se bem maior a dificuldade se é uma grande alma. E insuperável se é uma alma de mulher.

* * *

Nada é tão interessante como uma foto antiga. Sobre de interêsse se fixa uma atitude elegante de inteligente senhorinha. E' o que se dá com os retratos de d^a. Júlia — Augusta de Sousa Wanderley. Um cientista amigo, prof. Carlos Muñoz Ferrada, diretor do Observatório Astronômico da grande cidade de Concepción, Chile, que a desconhecia,

externou a seguinte impressão ante a vista inopinada de uma sua fotografia apanhada quando adolescente: - "fué un genio com tormentas internas; era lucha constante de un espirito sin materia". O jovem astrônomo não errou. Júlia Wanderley, na época do retrato, frequentava o Instituto Paranaense. Vivía, sem dúvida, atormentada pela sêde de cultura, pela fome de saber, e outras preocupações mentais inerentes à elevação do seu espirito, à fortaleza do seu coração. Pre-nunciou-lhe a vida escolar, claramente, o que viria a ser, num futuro próximo: uma invejável personalidade.

Quem se concentra, mirando os retratos de Júlia Wanderley, numa série crescente, em ordem cronológica, principia a compreendê-la. Sonhadora, aos 16 anos. Esguia, morena, elegante, está ela sob a sombrinha num dia de sol. Repleta de ambições intelectuais aos 21 anos, sentada junto à secretária, em atitude ministerial.

Um pouco depois o "pince-nez" esconde-lhe os belos olhos tiroideanos, cintilantes, de pequena nictação.

Cresce-lhe, com o tempo, a sagrada chama. E, assim, por diante, vai fixando, o papel fotográfico, sua carreira para a Glória.

A gloriosidade de Júlia Wanderley está, num plano eminente, em ter sido um espirito científico.

À d^a. Júlia da Costa cabe a glória de ter sido a nossa primeira poetisa.

À d^a. Iria Correia a de ter sido a nossa primeira pintora.

A d^a. Júlia Wanderley, estamos certos, glorifica o fato de ter sido a primeira cientista do Paraná.

Observe-se a série de artigos sôbre o ponto de transição das espécies, escrita com menos de 18 anos de idade. Seria hoje assinada, ufanosamente, por qualquer naturalista renomado.

E, assim, compreensível que o austero corpo docente do "Instituto Paranaense", estabelecimento oficial de humanidades, tivesse, com justiça, na modelar estudante,

um motivo de envaiecimento. Euzébio da Mota — o filósofo equiparado, por Jackson de Figuciredo, a Farias Brito —; Justiniano de Melo — o hermeneuta da história, que retificou em "Nova Luz sôbre o Passado" — a quem d.^a Júlia deveu, certamente, a formação socialista; Franco do



Vale, o latinista incomparável; Lagos; Fiekensieper; Carvalho de Oliveira, o poeta e prosador; o naturalista Eustáquio Soledade; Mariano Lima, que dotou o Paraná de uma Escola de Belas Artes — eis alguns mestres da primeira normalista paranaense de "curriculum" completo.

Bipartia-se o "Instituto Paranaense" em dois cursos: o ginasial e o normal.

Frequentou ambos d^a. Júlia Wanderley.

Saiu com distinção, sempre, dos exames aos quais foi submetida.

Não eram poucas as matérias, nem complacentes os examinadores. Ernesto Luís de Oliveira, o único aluno a poder segui-la de perto, não lhe levou nunca a palma. Nem mesmo em matemática! Êle seria, num futuro não longínquo, um az da cultura geral. O que não seria d^a. Júlia Wanderley se o aranhol oligofrênico dos preconceitos não lhe tolhesse os passos?

Venceu sua personalidade incomum entaves os mais diversificados. Houve-os muitos e, na maioria, intransponíveis. Não será deslocado afirmar-se, sem temor de contestação, que ela foi, sob êsse aspecto, uma das maiores figuras no seu meio e no seu tempo.

O destino de Júlia Wanderley, no Paraná, era dos mais largos horizontes. Ela o pressentiu. E organizou sua vida particular e pública na orientação do seu destino. Attingiu-o plenamente. Reside aí a sua reconhecida superioridade. Encontra-se aí a chave de sua psicologia.

II

Foi o amor à ciência, à erudição, que levou aquela sonhadora menina a, desassombradamente, afrontar as barbas veneráveis, os carregados sobr'olhos de sizudos políticos e pedagogos, conseguindo abrir as portas do Curso Normal às moças. Até ali, com um atrazo de 20 anos, os umbrais do centro de preparação letiva abriam-se tão somente a rapazes. Dizemos, por isso, que o ter sido notável educadora é, apenas, secundário na avaliação exata dessa alma poderosa. Ela foi, primacialmente, um espirito científico. Uma apaixonada pelo conhecimento, uma faminta de saber, uma perpétua insatisfeita intelectual.

* * *

A primeira turma de professoras normalistas foi imediatamente nomeada. Nem poderia ser de outra forma. Possuía diploma, até então, somente uma senhorita.

Surgia, pois, o ano de 1892 promissoramente para o ensino. Michel Charbonneau, então em voga, seria aplicado inteiramente no Paraná.

Designou o govêrno a 9.^a cadeira da capital para d.^a Júlia. A professorinha de 19 anos, no ardor de seu temperamento e na psicomotilidade ciclótica que lhe era característica, dedicou-se de alma e corpo às atividades didá-

ticas. Emprestou-lhes, desde logo, o cunho pessoal. Chegara o momento de aplicar os princípios expendidos nos seus inseparáveis compêndios de pedagogia.

Cientista vocacional, espírito trabalhador, extranha aos excessos de "coquetterie" próprios da idade, valor conciente, autoritária sem despotismo, inimiga da opressão, alma bem feminina, Júlia Wanderley iniciava — sem o perceber — a racionalização dos serviços educacionais no Estado.

Foi ela, senhora que estava de tóda a processologia pedagógica do seu tempo, quem introduziu na prática as doutrinas pestalozzianas que, pela imprensa, infatigavelmente pregou. A tradicional **Escola Tiradentes**, menina de seus olhos, no futuro, ser-lhe-ia um seminário sob êsse aspecto. Partidária incondicional do método intuitivo Júlia Wanderley citava Pestalozzi em tudo que se referisse à ciência e arte de sua especialidade. Não que se cingisse, unicamente, às teorias do imortal suíço. Cultura pedagógica atualizada, doutrinava autoridades e despertava vocações, sublimando o seu esforço em resultados práticos, hoje, perfeitamente verificados. Canalizava-lhe a profissão todo o seu vigor mental.

Existísse, contudo, a Universidade na época de sua formação, e Júlia Wanderley teria sido médica, engenheira, advogada, química ou licenciada em filosofia. Teria sido, possivelmente, no poliédrico do seu talento, tudo isso conjuntamente.

Resta bem pouco do que ela escreveu. Pode avaliar-se, todavia, pelo pouco restante, a orientação de suas preocupações intelectuais. Dois prismas dão-nos a conhecer as tendências entre os 17 e os 21 anos, idade com que se casou (*): as então recentes conquistas científicas e a questão social.

Era, por êsse tempo, uma entusiasta de Darwin

(*) Foi-lhe devotado esposo o sr. Frederico Petrich, escultor gaúcho. Tornou-se, capitalista).

e apologista ardorosa do socialismo de cátedra. Os jornais "O Artista" e "Operário Livre", estampavam, editorialmente umas vezes, assinados outras, e, também, às vezes, sob o pseudo-pseudônimo de "Augusta de Sousa", artigos vibrantes da moça idealista.



A normalista Júlia Augusta de Sousa Wanderley aos 16 anos de idade. Traz consigo o inseparável compêndio de Charbonneau.

Continuamos com a impressão, sem pretensões a originalidade, de que Júlia Wanderley foi mestra-escola acidentalmente. Era o magistério primário o campo único que se lhe apresentava à expansão da cultura e à operosidade cívica. Era-lhe, outrossim, um meio de independência econômica. O que lhe poderia apresentar, em 1892, a capital paranaense de melhor?



III

Avancemos, mais um passo, nesta excursão ao passado.

Quando os pais e os avós de Júlia Wanderley vieram para Curitiba, contava ela, — exatamente — cinco anos de idade. Nasceu em Ponta Grossa, aos 26 de agosto de 1874, na rua que hoje tem o seu nome.

Wanderley é a portuguesação de um patronímico holandês — van der Ley — radicado no Brasil desde os tempos da histórica invasão. Os Wanderley do Paraná descendem, através do pernambucano Afonso — Matias Wanderley, dos seus homônimos nortistas.

Diz Gilberto Freyre sobre a conceituada e numerosa família brasileira ("Casa Grande e Senzala", 4.^a edição, I. vol., págs. 423, 424 e sgts.): —

"Raras são as famílias no Brasil tropical que se teem mantido brancas ou quase brancas. Mas um caso, talvez, suscetível de estudo no Norte, região essencialmente tropical e de formação aristocrática como nenhuma: os Wanderley de Serinhaen e Rio Formoso. Família fundada nos princípios do Século XVII por Gaspar van der Lei, fidalgo do séquito

do conde Maurício de Nassau, radicou-se no extremo Sul da capitania e aqui tem conservado por inbreeding, relativa pureza nórdica. Atesta-o a predominância, nos seus membros, da pigmentação côr-de-rosa, dos olhos azues muito claros e do cabelo louro ou ruivo”.

.....
“Os Wanderleys teem saído para a vida política, para a magistratura e o sacerdócio, alguns nomes illustres, embora nenhum com as características de gênio-exceção, talvez, do barão de Cotegipe, um dos maiores estadistas do Império. Mas êste, ao que parece, com a sua pinta de sangue negro”.

.....
“Nas palavras do povo: “Não há Wanderley que não beba, Albuquerque que não minta, Cavalcanti que não deva. Nem Sousa Leão e Carneiro da Cunha que não goste de negra”...

* * *

Afonso - Guilhermino Wanderley, filho de Afonso-Matias citado o pai de Júlia Augusta, era natural do Deserto, Sta. Catarina. Seguiu a regra geral dos catarinenses de antanho: tentou, na adolescência, a carreira do mar. Viajou, como piloto, tôda a costa sul. Abandonou, contudo, a vida marítima.

Nascido em 1850, na Capital catarinense — a doadora de bons marinheiros — passou algum tempo no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Veio a seguir fixar-se no Paraná. Tinha 21 anos. Foi para Ponta Grossa, depois de passar pela Capital do Estado. Consorciou-se, na Princesa dos Campos” com a sra. Laurinda de Sousa, natural de Palmeira, então centro político da província.

D^o. Júlia foi a primeira filha do casal.

Vocação artística indisfarçável, dedicou-se Augusto Guilhermino à profissão de pintor-operário. Mas não se de-

limitou aos misteres do ofício. Fez arte. A Catedral de Curitiba, um poema de pedra em linhas góticas, teve nêlo um dos seus decoradores. E a decoração da sé-metropolitana da cidade-tingui não é obra mediócre.

* * *



D^a. Júlia Wanderley Petrich acompanhada de seu espôso, sr. Frederico Petrich, e filho adotivo, Júlio Wanderley da Costa Petrich. (Em 1905).

Sabia o inteligente catarinense dar valor à cultura. Prezava, no seu alto valor, o trabalho mental. O prosador, para êle, não era um vadio; nem um psicopata o poeta. Esmerou-se, por isso, na educação da prole. Júlia, a primeira dos dez filhos, frequentou os melhores educandários da época. Teve, também, explicadores particulares. Dois anos

tão somente decorridos após a chegada da pequena Júlia a Curitiba, isto é, aos sete anos de idade, inciava-se o cultivo daquela inteligência extraordinária. Coube a honra de guiá-lo os primeiros passos a d.^a Arminda do Couto, em cujo curso particular foi Júlia matriculada aos 3 de julho de 1879. Ouviu-lhe as aulas durante três anos. Passou depois para o curso da prof.^a Iria Luz Murici, esposa do benemérito cap. médico José Cândido da Silva Murici, matriculando-se a seguir no Colégio Curitiba, de grande tradição didática. Dirigia este educandário o sempre lembrado prof. Nivaldo Braga (1885). Transferiu-se, todavia, no ano seguinte, para o Colégio Saldanha. Coursou ainda os Colégios Nossa Senhora da Glória e Santa Lúcia. Obteve distinções e plenamentos em todos os exames parciais.

O seu talento inato, sua agilidade mental, a irresistível tendência para o estudo, assombravam — nos resultados — os eruditos professores da estudiosa Curitiba de outrora.

Iniciou Júlia Wanderley o curso secundário, em 15 de outubro de 1889, com um sábio, reconhecido como uma das maiores culturas da América: o prof. Justiniano de Melo e Silva. Foi sempre, ao que parece, a aluna predileta do grande sergipano.

D.^a Júlia Wanderley estudou ainda com o prof. Francisco Guimarães, tendo, outrossim, frequentado o Colégio do prof. Miguel Schleder.

Os cursos ginásial e normal, bem planizados e com programas seriamente executados, foram-lhe ocasião de evidenciar a capacidade intelectual.

Dotada, privilegiadamente, assimilou com espantosa facilidade e, talvez, precocemente, tudo que a época lhe apresentou ao espírito. Deve-se notar a cultura imensa dos lentes congregados, numa coincidência interessante, no "Instituto Paranaense". Foi assim que d.^a Júlia Wanderley se tornou uma intelectual legítima.

Os seus artigos o provam. As referências coevas mais credenciadas o certificam. E assim deve ser encarada sua personalidade invejável.

Abordava d^a. Júlia todos os ramos do conhecimento sem encipoar-se em nenhum dêles. Era-lhe a filosofia — mormente a teodicéa — predileção manifesta. Há, inédito, um seu trabalho sôbre a existência e atributos de Deus. E' uma sistematização de argumentos notáveis. Ignoramos onde estejam os livros — inéditos todos — da meditativa mestra. O citado, porém, dar-nos-ia o pulso da pensadora.

Não é de extranhar, por isso, o fato que iremos relatar.

Assistiu d^a. Júlia, católica esclarecida e cultura plurilateral que era, uma série de conferências na catedral do então Bispado de Curitiba. Era o aplaudido pe. dr. Júlio Maria, se não nos enganamos, o conferencista. Auditório seleta, interêsse verdadeiro. Dona Júlia, terminada de ouvir uma explanação sôbre teodicéa, de volta à casa não se conteve. Tornava-se impulsiva quando lhe parecia útil liquidar de vez um assunto. Não lhe pareceu suficiente o explanado. Escreveu, então, ponderada carta ao conferencista renomado.

Comparecia êle, no dia immediato, à residência da illustre educadora. Reconhecia a justiça dos reparos. Alegou não ter feito maior o arrazoado julgando difficil encontrar-se, como audientes, pessoas à altura de crítica assim erudita e judiciosa. Ganhou d^a. Júlia, naquela hora, mais um amigo de seu carater e um admirador de seu talento.

Era-lhe a franqueza, aliás, notável. Sirva-nos de exemplo mais êsse fato. Publicara cêebre gramático obra de fôlego sôbre a matéria de suas predileções. Endereçou Júlia Wanderley, dias após a leitura, uma carta ao cônego João - Evangelista Braga, o filólogo curitibano da época. Fazia tão acertada critica ao livro que o endereçado, amigo do autor, mandou ao gramático — um dos mais autoriza-

dos do país — a missiva recebida. Respondeu-lhe, imediatamente o autor, concordando em muitos pontos com a crítica. E daí em diante não escrevia ao cônego Braga sem recomendar-se a d^a. Júlia.

* * *

Data do dia 5 de setembro de 1890 o requerimento que abriu as portas da Escola Normal às primeiras moças do Paraná a diplomarem-se professoras após um curso regular. Assinou-o d^a. Júlia, que seria uma bandeirante da Instrução.

Aprovada distintamente nos exames propedêuticos leve se lhe tornou o plano de estudos da escola de professores. Expressa o seu ingresso nesse estabelecimento, de início, uma vitória: conseguir do governo passar a promessa o ensino normal. Era, anteriormente, a matrícula exclusiva do sexo masculino. Foi, aliás, notável o seu trabalho na catequização de jovens para a frequência do utilíssimo centro de preparação do professorado. Deve-se-lhe, portanto, em grande parte, ter a terra araucariana — em galeria que muito a distingue — um acervo de nomes das suas eficientes educadoras. Citem-se, homenageando-as, algumas das inesquecíveis figuras do magistério paranaense: Maria-Rosa Gomes da Costa, Cândida Maria do Nascimento, Isabel Maria Guimarães, Luísa Saldanha, dentre centenas de outras missionárias da Educação, reverenciadas sacerdotizas do Ensino.

Os grupos escolares futuros devem perpetuar, como patronos, essas pioneiras do Ensino. Será justiça e prova de compreensão cívica.

* * *

A psicologia da verdadeira educadora assemelha-se estruturalmente, em analogia não, em identidade sim, à da mãe.

Gerar, fisicamente, iguala-se, numa visão social dos fatos, a dar nascimento, culturalmente.

Não existindo instinto maternal poderá, quando muito, haver a instrutora. Jamais a educadora. Estudada com carinho a vida dessa exponencial normalista paranaense, nota-se-lhe alta feminilidade, muito embora a energia do seu carater a mascarasse muita vez. Não é possível des-



A diretora e professoras da medelar Escola Tiradentes, de Curitiba
(A 12 de outubro de 1915)

cobrir, num rápido golpe de vista, a direção do seu espírito. O interesse pela classe operária, externado em colaborações realmente maternas, a defesa das causas da criança, os trabalhos literários que inspirou, o seu catolicismo esclarecido, impressionam a qualquer observador.

Se da. Júlia ocupou o mais alto posto na educação paranaense deve, indubitavelmente, à delicadeza do seu espírito, talagarça de ideais alcandorados.

E' presumível que foi d^a. Júlia, pouco depois dos 20 anos, a egéria de uma das mais belas poesias de Tiago Feixoto, dedicada "a um aniversário". Eram lindas re-

dondilhas sob o título "Cancão de amor". E' que o vate inspiradíssimo — se fôr verdade o pressuposto — soube compreender e, compreendendo, admirar a jovem intelectual.

Encontramos, também, o seguinte perfil traçado em "A TRIBUNA" pelo dr. Sebastião Paraná: —

"JULIA WANDERLEY — Trajo simples, sem enfeites. Singelo como as violetas. No Ginásio Paranaense, onde concluiu com brilhantismo o curso de normalista, deixou um nome querido, quer pelo seu bom proceder, quer pela extrema dedicação que votava ao estudo.

... Não é feia, nem bonita, é mean.

Ensina hoje um bando de crianças, que considero felizes por terem a preceptora que têm.

Fala à bandeira despregada. Dá por paus e por pedras, e, . . . vai casar.

Parabens ao noivo. Parabens porque sem dúvida a Júlia será no lar o que é na escola: reta, carinhosa, sobranceira e distinta".

Corresponde, irrefragavelmente, à realidade o retrato literário na galeria pintada pelo douto articulista. Deduz-se com facilidade que, de fato, ela foi reta e distinta, carinhosa e sobranceira. Não era a "mano de hierro en guante de terciopelo". Era um sentimento de arminho sob as aparências férreas da austeridade.

IV

Conhecia d^a. Júlia — servida que era de fino senso filosófico — a efemeridade da vida humana. Encarou, por isso, a grave enfermidade que a vitimou com a serena atitude mental dos predestinados cômicos de haverem executado as exigências de sua mentalidade. Austera pelo trato diário com os grandes problemas humanos, interessada desde menina pela questão social, psicóloga e meditativa, à grande senhora se lhe afigurou a vida como u'a missão. E com tal caráter viveu os seus 44 anos de profícua existência. Ninguém lhe daria tão pouca idade: — dar-lhe-iam um decênio mais. Começara muito cedo a viver. Trocara as bonecas, tão comuns nas mocinhas de sua idade, pelos áridos livros de ciência, pesados como o fardo que tomaria aos ombros e loquazes como se tornaria ela pela necessidade espiritual de doutrinar.

Amadurecera precocemente. A precocidade caracterizara, também, sua vida operosa, em pról das grandes causas da educação popular e da difusão cultural.

Escrava de seus ideais científicos, com o amadurecimento do espírito a simplicidade que lhe era natural foi se tornando, dia a dia, mais necessária. Desprendia-se, quo-

tidianamente, das futilidades. Era quase velha aos 44 anos. Porque se identificava à imemorial tendência humana para a luta. Desmaterializava-se no estudo, espiritualizava-se no trabalho, do solilóquio mental à discussão acalorada com trogloditas bem trajados. Vencia sempre. Estava acima das mesquinhas dos adversários. Nada poderia temer na cruzada que encetou: conhecia o caminho do porvir.

E', com exatidão, êsse contraste que lhe torna encantadora a juventude. Nunca se lhe notou uma futilidade e jamais se lhe apontaria uma incoerência. Todo o seu programa se resumia numa palavra: — ação!

O destino de Júlia Wanderely era, no Paraná, de horizontes imensos, delimitados unicamente pelas circunstâncias decorrentes do estado econômico-social daqueles dias felizes. Atingiu-o, dentro dessas contingências facilmente explicáveis, muito além das perspectivas previsíveis.

Amiga de sua terra e compreendedora de sua gente colecionava d^a. Júlia, com carinho, recortes e fotografias. Critério adotado: tudo que pudesse interessar à história do Paraná. Guardam seus albuns aspectos da campanha do Contestado, inaugurações, sedes de serviço público, personalidades, reuniões políticas, paradas militares, desportivas, escolares, cívicas, etc., tudo, enfim, que poderá muito servir à verificação da marcha de nosso progresso surpreendente.

Encontra-se êsse material esparso (*). Reunido, daria bela e útil secção consultiva de uma biblioteca ou museu. Servirá também, imensamente, para se escrever a biografia da ilustre senhora.

* * *

A jovem formadora de gerações, de mentalidade idealista e de palavra fácil, eloquente sem verbiagem, que orlhava mestres como Euzébio, Justiniano e Franco do Vale não lhes desmentiu os prognósticos. Equiparou-se-lhes na

(*) Encontra-se o "dossier" de d^a. Júlia Wanderely em poder do seu filho adotivo e sobrinho, dr. Júlio Wanderely da Costa Petrich, Praça 19 de Dezembro, Curitiba.

cruzada vitoriosa de criar uma civilização. Tudo se transubstanciava nas labaredas do seu ardor cívico.

Curitiba está devendo a uma dúzia de grandes obreiros de sua culturalização perpetuar-lhes no bronze as efígies reflexivas. Os mestres de Júlia Wanderley têm, no monumento à sua discípula modelar, uma homenagem indi-



D.^a Júlia Wanderley Petrich e seu sobrinho em 1902.

reta à capacidade demonstrada em fazerem exsurgir valores. Nenhum paranaense conhecedor de seu rincão e de sua gente contempla a herma de d.^a Júlia, à praça universitária, sem pensar, gratamente, nos preceptores da insigne dama.

O povo, a grande criança, tem a intuição dos seus benfeitores. E a história é sempre agradecida aos grandes

pioneiros da educação, fonte de todo progresso realmente efetuado. Júlia Wanderley teve já seu prêmio: a libertação dos que atingem realizar o almejado. A recompensa das almas acrisoladas.

* * *

Dotada de senso político informado pelo seu indisfarçável interêsse na evolução coletiva, d^a. Júlia frequentava, com assiduidade, os líderes do eleitorado paranaense. Político algum deixou de ouvi-la, nem — muita vez — de considerar suas previsões. Acertava sempre. Dedicava-se, outrossim, ao estudo das questões econômico-financeiras.

Disse-nos, certa ocasião, um seu ilustrado parente: — “Tinha admiração pela sociologia e gostava de política. Os homens públicos do Paraná ela os conhecia tão bem que, muitas vezes, descrevia a êles próprios os seus propósitos em política, ou em outros assuntos”.

Um dos mais interessantes aspectos da grande preceptora foi, sem dúvida o político.

Sem ter saído nunca do Estado (viagou apenas uma vez: ao Rio Negro) acompanhava d^a. Júlia o movimento administrativo de todo o país. E' extenso o seu anedotário político e real a sua projeção na terra paranaense.

* * *

As longas jornadas são precedidas de preparativos não pequenos. D^a. Júlia Wanderley, no tempo, coordenou tudo para a eternidade. Não lhe atemorizou a passagem, que previa próxima. Encarou-a com a costumeira fortaleza de espirito. Passou a olhar, num preparo claramente denunciador da compreensão dos valores espirituais, a vida pelo seu

aspecto mais aterrorizador quando a alma é frágil: a morte, o ato de morrer. Dividiu livros, distribuiu joias, positivou recomendações., Tudo dispoz, previdentemente, corajosamente. Não descurou de nada, nada olvidou. Despediu-se, vinte dias antes, de sua querida Escola Tiradentes. Ouviu ali hinos favoritos. A todos abraçou. E, com a serenidade olímpica



Desfile da Escola Tiradentes, vendo-se em segundo plano, o tradicional prédio escolar.

pica dos fortes, partiu ao encontro do Criador, cujas razões de existência a trepidante normalista paranaense, no início de sua autonomia intelectual, rigorosamente alinhara.

A severidade dos seus argumentos serviam-lhe agora. A sinceridade dos seus conceitos lógicos deram-lhe sentido para a extinção de uma vida utilíssima, como a sua. A serenidade da despedida é, talvez, a página mais bela de sua teodicéia. Explica a confiança racional de criatura do seu criador.

Deverá ser lembrado, na sociedade paranaense, o dia 18 de abril de 1918. Ele atesta, mais uma vez, a verdade dum versículo da Sagrada Escritura (Pv.): — "Côr da vida, côr da morte, tal a vida, tal a morte". Dona Júlia Wan-



derley Petrich soube viver. E sua morte certifica ter sido uma vida perfeita a sua. Jamais um provérbio poderá, numa existência humana, ser melhor demonstrado.

* * *

Júlia Wanderley antecipou-se um quarto de século.

Deveria ter vivido agora — ou — o que é mais natural — não deveria ter morrido tão cedo. Quarenta e quatro anos de vida são insuficientes para um vulto de tal magnitude espiritual. Quão útil teriam sido para a expansão de nossa cultura os vinte e seis anos que deixou de existir!

O seu nome fulgurante, a despeito de tudo, aí está. E ninguém que o pronuncia deixa de sentir, no Paraná, o quanto êle significa.

Esmagadora é a superioridade dum nome. O de Júlia Wanderley, identifica uma pessoa repleta de distinção, assinalada pela superioridade de vistas e pela firmeza de conceitos. E' êle um motivo de orgulho para os que lhe mereceram amizade. Uma honra para os seus conterrâneos. Um mistério, talvez, para os que o estudam.

Acontece isso com todos os talentos geniais.

E ela foi um dêles.